

**DA RELAÇÃO ENTRE SÓCRATES E A FORMAÇÃO:
O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA MESTRIA**

**ON THE RELATIONSHIP BETWEEN SOCRATES AND TRAINING:
THE PROCESS OF DEVELOPING MASTERY**

**LA RELACIÓN ENTRE SÓCRATES Y LA FORMACIÓN:
EL PROCESO DE DESARROLLO DEL DOMINIO**

Samuel Martini¹
Miguel da Silva Rossetto²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo explorar, através da relação entre Sócrates e a formação – e tendo como base o desenvolvimento de sua mestria –, como Sócrates constitui, a partir da filosofia, uma forma de vida e, como isso, passa a influenciar o desenvolvimento de seu papel como mestre. O material utilizado, visando bem contemplar ao objetivo proposto, se dá pelo contato com os diálogos platônicos, tendo como referência, sobretudo, a obra *Apologia de Sócrates*. A pesquisa também possui por fundamento a utilização de materiais complementares de pensadores e comentaristas que agregam e auxiliam para um maior aprofundamento da temática. Assim, o trajeto desenvolvido pelo presente escrito repousa, inicialmente, na identificação de como Sócrates estabelece, através da filosofia, uma forma de vida. Na sequência, o texto nutre-se em torno da análise das dimensões do ocupar-se, tomando como referência nessa explanação a fundamentação estabelecida a partir do contato com o sentido pedagógico das metáforas socráticas. E, como último movimento da pesquisa, se postula uma análise reflexiva a respeito da contribuição de Sócrates para a formação humana, tendo como base os dois passos discutidos: uma forma de viver ancorada no viés filosófico e uma pedagogia exemplificada pelas metáforas socráticas.

Palavras-chave: Sócrates; Formação; Filosofia; Ocupar-se; Mestria.

ABSTRACT

This article aims to explore, through the relationship between Socrates and formation – and based on the development of his mastery –, how Socrates constitutes, from philosophy, a way of life and how this influences the development of his role as a master. The material used, aiming to better contemplate the proposed objective, is based on contact with Platonic dialogues, particularly referencing the work *Apology of Socrates*. The research is also based on the use of complementary materials from thinkers and commentators that add and aid in a deeper exploration of the theme. Thus, the path developed by this paper initially rests in the identification of how Socrates establishes, through philosophy, a way of life. Subsequently, the text revolves around the analysis of the dimensions of engagement, using as a reference in this explanation the foundation established from contact with the pedagogical meaning of Socratic metaphors. Finally, as the last step of the research, a reflective analysis is proposed regarding Socrates' contribution to human development, based on the two discussed steps: a way of living anchored in the philosophical perspective and a pedagogy exemplified by Socratic metaphors.

¹ Graduado em Filosofia, Universidade de Passo Fundo/UPF, <https://orcid.org/0009-0009-9629-3605>, samuelmartinii.021@gmail.com

² Doutor em Educação, Universidade de Passo Fundo, <https://orcid.org/0000-0001-6889-7983>, miguel.rossetto@upf.br

Keywords: Socrates; Formation; Philosophy; Engagement; Mastery.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo explorar, por medio de la relación entre Sócrates y la formación – y llevando a cabo el desarrollo de su maestría -, como Sócrates constituyó, desde la filosofía, una forma de vida y, como eso, pasa a influenciar el desarrollo de su papel como maestro. El material utilizado, buscando mejor contemplar el objetivo propuesto, se da por el contacto con los diálogos platónicos, que tienen como referencia, especialmente, la obra Apología de Sócrates. La investigación también posee como fundamento la utilización de materiales complementares de pensadores y comentaristas que agregan y auxilian con mayor detenimiento la temática. Así, el trayecto desarrollado por el escrito descansa, inicialmente, en la identificación de cómo Sócrates establece, a través de la Filosofía, una forma de vida. En la secuencia, el texto se nutre alrededor de análisis de dimensiones del ocuparse, tomando como referencia en esa explicación la fundamentación establecida a partir del contacto con el sentido pedagógico de las metáforas socráticas. Y, como último movimiento de pesquisa, se requiere un análisis reflexivo sobre la contribución de Sócrates para la formación humana, basado en los dos pasos discutidos: una forma de vida anclada en el principio filosófico y una pedagogía ejemplificada por las metáforas socráticas.

Palabras clave: Sócrates; Formación; Filosofía; Ocuparse; Maestría.

INTRODUÇÃO

Em que consiste a ação de formar o outro? Quais as exigências e os limites deste papel tão nobre no desenvolvimento da história humana? Apesar de ser relativamente evidente, o ato de formar o outro implica em formar a si mesmo. Contudo, talvez, tal “formação de si” ainda esteja carente de um entendimento mais rigoroso. Inicialmente, podemos dizer que o ato de se formar, para ser mais bem exercido, exige, minimamente, um processo vagaroso e cuidadoso, que perdura por toda a vida. Menciona-se, da mesma forma, que, além de não ter data de consumação, tal trajeto não é de facilidade, pelo contrário, repousa num caminho árduo e que recorrentemente apresenta pontos que necessitam de devida abordagem. Aquele que se destina a ocupar-se consigo mesmo, isto é, que almeja adentrar na esfera formativa que exige o trabalho acerca de si mesmo, não o faz por conta própria, de modo solipsista, pois dificilmente dar-se-á conta de sua necessidade de formação, já que além de estar desorientado quanto ao percurso que deverá trilhar, muito menos saberá sobre as fragilidades de seu estado atual.

Para isso, buscando evitar tais incongruências, é de importância refletir sobre o papel do mestre, daquele que bem ocupou-se e bem ocupa-se consigo mesmo, e que, a partir desse intuito formativo, conseqüentemente se destina ao trabalho de ocupar-se com o outro para que ele também se mantenha a formar-se e, conseqüentemente, também possa conservar a sua capacidade de mestre, retribuindo, assim, a dedicação



exercida sobre sua formação. Como companheiro intelectual e mentor da análise que faremos, temos, na figura de Sócrates, o reflexo daquele que por excelência bem ocupou-se consigo mesmo, desenvolvendo, com isso, o papel de mestre, o qual exerceu e prezou até o fim de sua vida.

Como é exposto nos diálogos platônicos, Sócrates recorre, com certa frequência, ao método do perguntar, isto é, valendo-se de termos investigativos, suas perguntas promovem inquietações, traçando, com isso, um movimento que faz confrontar ideias e posicionamentos já fundamentados. Por meio desse processo, o filósofo busca disponibilizar recorrentes indagações, estimulando o contato com as razões consolidadas presentes naquele em que vem a ser interpelado, buscando verificar se de fato tais fundamentações são verdadeiras, ou se, por outro lado, fundamentam-se diante da falsidade e da ignorância.

Alicerçado nisso, é possível verificar como Sócrates estabelece o seu lugar e como designa à filosofia o encargo de se constituir em um modo de viver por excelência. Ao estabelecer esse contato, pois o objetivo do filósofo não se resume meramente a provações e comprovações, há um sentido de grau mais elevado, que repousa em proporcionar o desenvolvimento que concerne a um bem maior, o ato de formar-se. Sócrates, em vista disso, ao estabelecer pela filosofia uma forma de vida, evidencia o caminho pelo qual se consolida sua mestria, sobretudo, ao dedicar-se ao outro. Tal processo direciona o indivíduo a ocupar-se consigo mesmo. E é só a partir de tal ocupação que se torna possível atingir a condição de mestre, vindo, dentro desse processo formativo, a dedicar-se no trabalho que se destina ao movimento de formar o outro.

Tendo por meta investigar como se dá o processo de desenvolvimento da formação humana, buscando explorar, a partir disso, o meio de desenvolvimento da mestria socrática, o presente escrito visa identificar como Sócrates constitui, a partir da filosofia, uma forma de vida e como isso passa a influenciar o desenvolvimento de seu papel como mestre. Identificar o processo de mestria socrática com base em tais objetivos, torna-se um elemento de suma importância para compreender o processo da formação humana, uma vez que o caminho percorrido por Sócrates não só reflete nas dimensões do ocupar-se em sua grandiosidade, como também manifesta o quanto tal processo demonstra valor para a boa condução e manutenção da vida em comunidade.

Com base na apresentação acerca dos objetivos a serem trilhados, esta investigação será estruturada através de uma pesquisa bibliográfica do tipo descritivo-

exploratória. Visando bem contemplar o planejamento metodológico, a estruturação tem por propósito e companheira de percurso a investigação, a reflexão e a análise dos materiais contemplados, sobretudo, acerca dos diálogos platônicos, tendo como referência a obra *Apologia de Sócrates*. Com base nisso, a pesquisa também tem por fundamento o estudo hermenêutico e a exploração de materiais que servirão de complemento para a investigação, estes que são disponibilizados por pensadores e comentadores que não só auxiliam maior profundidade com o tema, como também abrem as portas para tornar possível refletir com a própria contemporaneidade. Através desse movimento analítico, poderemos talvez alcançar maior familiarização com a temática elencada, propiciando, assim, os elementos necessários para bem atender ao objetivo da pesquisa.

Demonstrando uma breve sinopse do percurso a ser desenvolvido, a primeira parte buscará contemplar a relação entre Sócrates e a filosofia, investigando, a partir disso, como o autor procura fazer dela uma forma de viver. Na segunda parte, após ser analisada tal relação, o escrito repousará na fundamentação das dimensões do ocupar-se, tendo por referência o exemplo proporcionado a partir das metáforas socráticas, para, assim, num primeiro momento, dedicar-se à reflexão do ocupar-se de si mesmo, e, por conseguinte, analisar a dimensão do ocupar-se com o outro, elementos que são nucleares para o bom cuidado dos aspectos formativos. Na terceira parte do escrito, atendendo ao último passo da investigação, postular-se-á uma análise reflexiva a respeito da contribuição socrática para a formação humana, a partir de uma filosofia como forma de vida e do sentido pedagógico das metáforas socráticas.

DA RELAÇÃO ENTRE SÓCRATES E A FILOSOFIA: UMA FORMA DE VIVER

A filosofia, enquanto doutrina ou teoria, é uma invenção platônica, pode-se dizer, apesar dos fragmentos de Heráclito ou do poema de Parmênides. Se Sócrates nada escreve, decerto nenhum sentido mais profundo encontrava nesta prática. Apesar do valor inegável que a escrita promulga, no entanto, Sócrates não concebia sua filosofia reservada a palavras anotadas. Era de outra fonte que sua filosofia matava a sede, qual seja, no seu próprio modo de conduzir a vida. A filosofia, portanto, originava-se na vida, alimentava-se da vida e promovia a própria vida. O percurso da forma de viver socrática tem como horizonte uma missão que foi atribuída ao filósofo, a qual será exercida e contemplada durante toda a sua existência. Para melhor compreender como se origina e



se constitui tal missão, torna-se necessário nos determos sobre uma inferência específica, que foi confiada ao oráculo de Delfos e serviu de impulsão para a constituição do modo de vida socrático.

De que inferência estamos falando? Pois bem, Querefonte, amigo de Sócrates, interroga o oráculo em busca de uma resposta correspondente à sua questão, qual seja, se existe outro homem mais sábio que Sócrates: “ora, a Pítia respondeu que ninguém era mais sábio” (Platão, 2015, p.101). Tal encargo, à vista disso, incita uma grande interrogação ao filósofo,

depois de ouvir aquilo, pus-me a refletir a sós comigo: que quererá dizer a divindade e que pretende insinuar? Tenho plena consciência de não ser nem muito sábio nem pouco. Qual o motivo, então, de haver ela afirmado que eu sou o mais sábio dos homens? Mentira não pode ser; não condiz isso com a sua natureza (Platão, 2015, p.101).

Envolvido por tal interrogação, com base no exposto, se constata um percurso pelo qual o filósofo se encarrega de investigar o devido motivo para o oráculo de Delfos conferir a ele a função de ser o mais sábio dentre os homens. Ele passa, então, a interpelar os indivíduos presentes na *pólis*, correspondentes à designação de serem os mais sábios de seus ofícios para, assim, desconstruir ou reafirmar as palavras apresentadas pelo oráculo,

Sócrates se questiona, então, sobre o que o oráculo quis dizer, lançando-se em uma longa investigação junto às pessoas que, segundo a tradição grega [...] possuem a sabedoria, isto é, o saber-fazer, homens de Estado, poetas, artesãos, para descobrir alguém que fosse mais sábio que ele. Percebe então que todas as pessoas que acreditam tudo saber não sabem nada (Hadot, 1999, p.50-51).

Sócrates, contudo, ao dedicar-se em torno deste objetivo, não chega à conclusão esperada que consistia, segundo nossa interpretação, em desocupar ou, em última instância, confirmar o posto que lhe foi confiado pelo oráculo. Ele, todavia, chega a outra resposta que o leva a compreender a interpretação que lhe fora apresentada: “o que o oráculo quis dizer é, portanto, que o mais sábio dos humanos é quem compreendeu que sua sabedoria é verdadeiramente desprovida do mínimo valor” (Hadot, 1999, p.51). O indivíduo mais sábio, com isso, não retrata a imagem daquele que discorre e contempla sobre todas as interrogações que lhe apresentam, mas, sim, o contrário, é aquele que toma ciência de seu não saber e que, por isso, pode não possuir tais respostas.

Denota-se, em vista disso, a compreensão acerca da missão confiada a Sócrates, a qual entra em concordância com as palavras anunciadas pelo oráculo e que descreve a função que lhe fora atribuída, como aquele que deverá proporcionar com que os outros homens passem a ter a compreensão de seu não saber. O meio utilizado, dessa forma, para desempenhar essa missão, é mais bem compreendido na chamada ironia socrática, isto é, “a ignorância dissimulada, o ar cândido com o qual, por exemplo, ele investigou para saber se havia alguém mais sábio que ele” (Hadot, 1999, p.51). É digno de consideração, diante disso, o fato de Sócrates não aceitar pacificamente sua posição de sábio, pois é um lugar que, talvez, todos aqueles que não reconhecem sua ignorância aceitariam de bom grado. É também um aspecto pedagógico consigo mesmo, uma vez que procura justificar para si em que medida isso pode, ou não, ser considerado uma verdade.

Tendo em vista bem compreender como essa incumbência destinada a Sócrates se estrutura em relação com a filosofia, antes de explorar adequadamente a manifestação e o alcance proporcionado pela ironia socrática nas interpelações, torna-se de pertinência recordar uma frase disponibilizada no diálogo platônico *Teeteto*, que auxiliará na fundamentação da explanação, “[...] sou muito esquisito e causo perplexidade aos homens” (Platão, 2010, p.200). Considerando a frase estabelecida, dois termos merecem um cuidado maior: *átopos* (esquisito) e *aporia* (perplexidade). Em relação ao termo *átopos*, tem-se a correspondência da negação de um lugar estabelecido; quanto ao conceito *aporia*, atribui-se ao seu significado de não atingir uma definição específica. É importante destacar que, ao dizer isso, Sócrates acaba – *ele próprio* – determinando o seu lugar, ou seja, ele mesmo cria o seu *topos*, uma vez que é possível dizer que este não-lugar corresponde a um lugar, pois o não-lugar corresponde a uma opção por um modo de ser, consciente e constituído por ele mesmo (Rossetto; Santos, 2022).

O filósofo, diante disso, mostra ter o seu lugar, porém, um lugar não definido pelos outros, mas por si mesmo. Pode se compreender, a partir de tal elemento, um dos aspectos formativos mais importantes e decisivos de todo processo de constituição subjetiva: o trabalho do sujeito sobre aquilo que o quadro histórico hodierno pretende ou acaba fazendo dele. Isto é, o indivíduo passa a demonstrar e estabelecer verdadeiramente sua autenticidade, o qual se faz, a partir do olhar para si mesmo, fator que apresenta quais os ideais que visa defender e como estes influem na condução de um modo de vida.

Convém mencionar, todavia, que esse trabalho de si sobre si não é uma atividade específica de Sócrates, do filósofo ou do governante. Queremos compreendê-lo como algo que deve ser comum a todos, já que todos ocupam, por pressuposto, um lugar comum, que é o lugar de ser humano, um lugar natural que exige uma forma específica de ocupar-se consigo mesmo. Isto é, a pergunta norteadora deve repousar no que o ser humano deve fazer para viver de forma autêntica e verdadeira esse lugar de humano. Quanto a Sócrates, ressalta-se que ele não abre mão desse lugar e, principalmente, do modo como o constitui, nem mesmo diante da iminência da morte. Para ele, todo e qualquer movimento se justifica pelo amor à sabedoria, para assim estar em consonância com a sua missão, e é justamente nisso que se fundamenta a forma pela qual ele faz da filosofia uma forma de vida.

O filósofo grego não entende a filosofia como mera sistematização conceitual, mas como um processo racional e intelectual de conduzir-se filosoficamente. Sócrates, nesse sentido, nutre-se de um dos elementos mais caros da filosofia, a pergunta, que o leva a bem exercer e guiar sua missão, desempenhada, como fora citada anteriormente e agora pode ser mais bem compreendida, na denominada ironia socrática,

quando Sócrates pretende saber uma única coisa, ou seja, que nada sabe, é porque ele recusa a concepção tradicional de saber. Seu método filosófico consistirá não em transmitir um saber, o que exigiria *responder* às questões dos discípulos, mas, ao contrário, em *interrogar* os discípulos, pois ele mesmo não tem nada a dizer-lhes, nada a ensinar-lhes de conteúdo teórico de saber. A ironia socrática consiste em simular aprender alguma coisa de seu interlocutor, para levá-lo a descobrir que não conhece nada no domínio do que pretende ser sábio (Hadot, 1999, p. 53, grifo do autor).

Atentando-se a este percurso, através da utilização da ironia socrática, faz-se uso de um instrumento que conduz o interlocutor a ter ciência de sua ignorância e, atrelado a isso, de seu não saber. Sócrates, dessa forma, valendo-se desse meio, passa a simular determinado conhecimento na área em que o indivíduo interpelado pensa dominar, para, a partir disso, atentar-se na condução dialógica, a qual busca bem atender o objetivo estabelecido através da ironia, isto é, de influir no sujeito abordado, a ciência de sua não sabedoria. Para exemplificar como se dá esse processo, dito isso, convém tomar por exemplo o diálogo estabelecido entre Sócrates e um dos líderes políticos, através do qual destaca-se as considerações do próprio filósofo,

[...] ao examiná-lo, atenienses, aconteceu o seguinte: no decurso de nossa conversação, quis parecer-me que ele passava por sábio para muita gente, mas principalmente para ele mesmo, quando, em verdade, estava longe de sê-lo. De seguida, procurei demonstrar-lhe que ele se considerava sábio sem o ser, do que resultou atizar contra mim seu ódio e de muitas das pessoas presentes (Platão, 2015, p.101).

Com base no exemplo apresentado, Sócrates, primeiramente, se depara em construir um diálogo que busque conferir um certo grau de veracidade no posto de sábio que o indivíduo interpelado tem por encargo. A respeito disso, contudo, não é o que acontece, mas sim o contrário, uma vez que tal indivíduo apresenta tamanha insignificância ao ponto de desestruturar, com facilidade, o posto até então assegurado. Com base nisso, nota-se o segundo movimento de Sócrates, e, talvez, o mais interessante: o filósofo começa a fazer *aporias*, isto é, começa a promover desconstruções, como no caso desse político que, afundado em sua ignorância, imagina que sabe que sabe.

Essa descrição resume o contato socrático com a maioria dos indivíduos da época, cujo *topos*, por eles afirmado, era apenas a simbolização da mais profunda ignorância, “com raríssimas exceções, os indivíduos tidos na mais alta conta foram os que me pareceram mais deficientes, quando examinados de acordo com o preceito da divindade, enquanto outros, considerados em geral como inferiores, se me afiguraram de mais claro entendimento” (Platão, 2015, p.103).

O filósofo, da mesma forma, através de tais interpelações, auxilia no entendimento acerca de outra dimensão filosófica, “filosofar não é mais, como queriam os sofistas, adquirir um saber, ou um saber-fazer, uma *sophía*, mas é pôr-se a si mesmo em questão, pois experimenta-se o sentimento de não ser o que se deveria ser” (Hadot, 1999, p.56, grifo do autor). O ato de pôr-se em questão, em vista disso, simboliza muito bem a finalidade da incumbência do oráculo, uma vez que colocar-se em questão é de suma importância para o indivíduo vir a ter a consciência de seu não saber. Como já fora exposto anteriormente, ao discursar sobre o objetivo estabelecido através da ironia, a partir das inferências que lhe são atribuídas, o sujeito interpelado passa a estabelecer um movimento que estimula desconstruções. A partir disso, fica em evidência não só a percepção acerca do não saber, como também, sobretudo, revelam-se as fragilidades e contradições nas quais tal interlocutor está imerso e que constituem o seu próprio “si mesmo”.

Esse processo desconstrutivo propicia àquele que se coloca em questão o pensar acerca de si mesmo, uma vez que introduz nele a percepção de ser diferente daquilo que pensa ser e que pensa dominar. Esse movimento, contudo, apenas se faz possível para aquele que bem aceita o convite ao diálogo, já que é comum interlocutores que não adotam tal condição receptiva, optando, assim, por permanecerem afundados na própria ignorância.

Fica salientado, com isso, dois elementos para bem compreender a relação entre Sócrates e a filosofia como uma forma de viver. Primeiramente, demarca-se o papel de importância do diálogo – e da pergunta –, pois este contempla o meio pelo qual ele exerce sua missão, o qual complementa-se com um segundo fator, oriundo desse primeiro, que é uma interlocução que abarca e retrata uma filosofia exercida na cotidianidade.

Sobre o primeiro, atinge-se, a partir do diálogo, a justificação de um modo de vida em detrimento da influência que ele estabelece ao resumir a tarefa socrática que repousa na condução do outro a ter o conhecimento acerca de seu não saber. Precisamente por esse motivo é que se torna possível entender o movimento propiciado por Sócrates, cujo objetivo está em estimular o contato com as razões consolidadas do indivíduo, é o processo da *aporia* aprofundado anteriormente, pelo qual têm-se o acesso a inferências que estimulam e conduzem ao questionamento sobre si mesmo. Apenas assim, pois, faz-se acessível, ao indivíduo examinado, o trabalho de examinar se as suas razões são de fato verdadeiras ou se mergulham diante da falsidade e da ignorância.

Através da explanação quanto ao encargo desenvolvido através do diálogo, evidencia-se o segundo elemento, o qual contempla uma manifestação filosófica, que advém do ato de dialogar, como uma forma de vida exercida na cotidianidade. Sócrates, nesse sentido, não possuía momentos pré-estabelecidos para dedicar-se em torno dos indivíduos presentes na *polis*, não tinha dias e, muito menos, horários marcados. Suas interpelações eram executadas continuamente, tal e qual nos comunica Plutarco,

a maior parte das pessoas imagina que a filosofia consiste em discutir do alto de uma tribuna e dar cursos sobre textos. Mas o que escapa totalmente a essas pessoas é a filosofia ininterrupta que se vê exercer a cada dia de uma maneira perfeitamente igual a si mesma [...] Sócrates não prepara degraus para os ouvintes, não se firma sobre uma tribuna professoral; ele não tem horário fixo para discutir ou para passear com seus discípulos. Mas é algumas vezes gracejando com aqueles, ou bebendo ou indo à guerra ou à ágora com esses, e finalmente indo para a prisão e bebendo o veneno, que ele filosofou.

Ele foi o primeiro a mostrar que, em todos os tempos e em todos os lugares, em tudo o que nos chega e em tudo o que fazemos, a vida cotidiana dá a possibilidade de filosofar (Plutarco, 1976; apud Hadot, 1999, p.68).

Com base no exposto, portanto, Sócrates contempla no exame e no questionamento os meios através dos quais encontra no executar filosófico uma forma de viver. Através da praça pública, à vista disso, observa-se o ambiente reconhecido como o berço filosófico socrático, no qual, pelas recorrentes conversações, o filósofo passa a despertar jovens seguidores, que são acalentados e provocados por seus diálogos. Dessa forma, Sócrates não só encontra a sua missão, como também se dedica exclusivamente a ela. Seu dever, em suma, é impulsionar no outro a ciência de sua ignorância, proporcionando, dessa forma, os elementos para que ele venha a ocupar-se consigo mesmo.

Destaca-se, do mesmo modo, que Sócrates expressa uma ocupação em torno da filosofia que se manifesta no cotidiano, pois, mesmo que ele não estivesse em contato com o outro, não perderia o seu valor filosófico, uma vez que estaria em contato consigo mesmo. Com base nisso, entram em questão as dimensões do ocupar-se, uma vez que, apenas aquele que *bem* se ocupa consigo mesmo pode vir a desempenhar, por conseguinte, o ato de ocupar-se com o outro, elementos que são nucleares na missão e no modo de vida socrático.

DA RELAÇÃO ENTRE SÓCRATES E SUA MESTRIA: AS DIMENSÕES DO OCUPAR-SE

A partir da reflexão sobre a forma de viver que Sócrates estabelece em torno da filosofia, torna-se possível aprofundar um pouco mais sobre esse modo de vida atribuindo, agora, maior sensibilidade e profundidade quanto ao intuito formativo propulsado por tal valor filosófico. A partir da postura socrática, visualiza-se um importante exemplo para quem visa alçar maior atenção à esfera formativa, já que, a partir de sua vivência, têm-se o modelo daquele que não só *bem* ocupou-se com o outro, mas que, antes de tudo, *bem* ocupou-se consigo mesmo. Tendo por meta, diante disso, compreender de uma melhor forma esse percurso elencado por Sócrates, com base no trabalho acerca de tais dimensões do ocupar-se, cabe ser estruturada uma fundamentação em torno das metáforas socráticas. Através de tal análise, faz-se possível alcançar um melhor entendimento para aquele que visa alcançar o posto de mestre, uma

vez que, para exercer o bom cuidado em relação à formação do outro, deverá, anteriormente, ter bem formado a si mesmo.

Antes de propriamente analisar as metáforas que Sócrates utiliza ao pensar sobre si, cabe dar ênfase a um elemento que já fora recorrentemente exposto devido a sua importância: o diálogo. É pelo dialogar que as metáforas se manifestam, mas, sobretudo, é por ele que se adentra na esfera formativa, seja no diálogo consigo mesmo por meio da autorreflexão, seja no diálogo com o outro tendo em vista a formação. O indivíduo que deseja formar-se, dessa forma, deve ter ciência quanto a essa preocupação em detrimento da condição dialógica, uma vez que, se ele não aceita o convite ao diálogo, permanece à mercê da própria ignorância, pois passa a desconsiderar o trabalho e a importância do mestre, ocultando e inibindo cada vez mais a reflexão sobre si. Outro fator a ser mencionado repousa no fato de que mesmo aceitando o impulso ao dialogar, torna-se necessário persistência e compreensão por parte do discípulo, já que, como será exposto na análise metafórica, não é um processo fácil, pelo contrário, é árduo e de extrema dificuldade.

Destinando um olhar minucioso à forma pela qual Sócrates executa esse trabalho, a partir de tais considerações, faz-se pertinente, ao momento, adentrar na análise em torno das metáforas socráticas. Para isso, aborda-se, inicialmente, a metáfora da filiação cuja simbolização está na mãe como a figura da *parteira* e do pai no desenvolvimento do ofício de *escultor*, possibilitando, a partir disso, a compreensão da estruturação inicial do diálogo, bem como os cuidados quanto aos limites que devem ser atribuídos ao longo de seu processo. Dito isso, propomo-nos a analisar, por conseguinte, outras duas metáforas, a do Sócrates como o *moscardo* e como a *arraia-elétrica* que retratam, também, uma importância muito significativa ao âmbito formativo, já que, por meio delas, aquele que está sendo interpelado entra em perplexidade e inquietação em relação a si mesmo.

Desenvolvendo a abordagem, a partir do exposto, como ponto de partida toma-se a estruturação em torno da figura da parteira e a do escultor. Com relação à primeira, na Grécia antiga só estava apta a exercer tal ofício aquela que havia vivenciado muitos partos e que não podia mais conceber. Ou seja, era-lhe exigida experiência, pois apenas por meio dela tornar-se-ia possível o auxílio na execução do parto (Dalbosco, 2017). Atribui-se ao seu propósito, da mesma forma, o auxílio em trazer à luz, contudo, há um destaque a mais por trás disso, pois “[...] embora não seja diretamente quem dê à luz,



possui um trabalho indispensável, auxiliando no nascimento de uma novidade, fazendo revelar-se o que permanecia oculto, encoberto” (Dalbosco, 2017, p. 51).

Através do desenvolvimento de seu ofício, a respeito disso, ainda quanto a representação da parteira, como o próprio Sócrates pontua no *Teeteto*, não servem para exercer o ofício as mulheres que ainda podem conceber. Tal elemento pode ser mais bem explicitado e compreendido ao se analisar o sentido metafórico, já que Sócrates na execução dialógica também nada pode conceber e proporcionar, uma vez que nada sabe. Ele, através do perguntar, apenas atua na efetuação do parto das ideias, mas quem se legitima para dar à luz é o próprio indivíduo interpelado,

[...] Não sou, portanto, absolutamente nada sábio, nem tenho nenhuma descoberta que venha de mim, nascida da minha alma; mas aqueles que convivem comigo, a princípio alguns parecem de todo incapazes de aprender, mas, com o avanço do convívio, todos aqueles a quem o deus permite, é espantoso o quanto produzem, como eles próprios e os outros acham; sendo claro que nunca aprenderam nada disto por mim, mas descobriram por si próprios e deram à luz muitas e belas coisas. No entanto, o deus e eu é que fomos a causa do parto [...]
(Platão, 2010, p.202-203).

Em referência ao posto do escultor, denota-se, inicialmente, que, se o encargo da parteira já requer um repertório vasto fundamentado em suas experiências, a sua atribuição deve necessitar tanto quanto ela. Explicitando a principal tarefa destinada ao escultor, salienta-se que ela repousa no exercício de “dar a forma”. Ou seja, é pelo seu trabalho que ele vai, de acordo com seu conhecimento, determinar as margens e os detalhes cabíveis, para, assim, buscar moldar a figura da maneira mais adequada. É importante destinar a atenção, em vista disso, para certos elementos observados no modo como o escultor trabalha. Sua intervenção deve ancorar-se na sensibilidade, para assim exercê-la de forma respeitosa, fato que o auxilia a não só observar a intensidade como também demarcar até onde é possível interferir. Com relação aos aspectos apresentados, tendo em vista a simbologia da filiação, menciona-se que

o ponto interessante dessa metáfora reside no fato de que os trabalhos da parteira e do escultor são indispensáveis, não porque dão a luz ou a forma a algo que antes não existia, simplesmente lhe impondo de fora, autoritariamente, uma forma, mas, sim, porque ‘fazem nascer e brotar de dentro’, no confronto moldador com seu próprio trabalho, algo semipronto ou já com alguns contornos (alguma forma). Ou seja, como a parteira que não tem a missão de dar à luz a filhos, pois tal função era exercida na Grécia antiga por mulheres mais velhas, que já

eram estéreis e não podiam mais gerar filhos, Sócrates concebe seu papel de mestre-pedagogo não como o de dar luz a suas próprias ideias e impô-las aos demais, mas, sim, de levar os jovens, primeiro, a refletir sobre seus pensamentos habituais, isto é, sobre aquelas ‘opiniões’ e preconceitos que os impediam de pensar por conta própria (Dalbosco, 2017, p. 52, grifo do autor).

A respeito disso, nota-se que a simbolização que fora exposta guarda um profundo significado, sobretudo ao pensar na forma como o indivíduo possa vir a ser levado a ocupar-se consigo mesmo. Atentando-se a isso, convém demarcar que o fator principal na intervenção socrática, primeiramente, direciona aos jovens o pensar por conta própria. Através desse movimento, conseqüentemente, tal fato promove a autocriticidade, esta que passa a ser compreendida como o cultivo daquilo que vem a ser o “berço” das novas ideias que se originam através do contato com a própria interioridade e não por uma mera imposição externa. Com base nisso, salienta-se que tais fatores são de suma importância. No entanto, apenas por meio deles é que se atinge um elemento primordial, que repousa no desenvolvimento do exercício de voltar a si mesmo. Dessa forma,

em síntese, vê-se na analogia com a parteira e o escultor um trabalho duplamente qualificado, de autocrítica em relação aos pensamentos habituais – que são aqueles preconceitos que travam ou bloqueiam o crescimento de nosso próprio conhecimento – e de sua elevação para um nível próprio de pensamento. No entanto, sem um voltar-se para si e sem o reconhecimento de sua própria ignorância, não há progresso ou evolução possível no conhecimento (Dalbosco, 2017, p. 52).

Convém relacionar, acerca do exposto, que essa reflexão em torno da metáfora da filiação auxilia numa melhor reflexão quanto às outras duas que serão abordadas. Se a partir da parteira e do escultor têm-se a simbolização sobre o impulso e os cuidados estabelecidos pelo mestre, na metáfora do Sócrates como o *moscardo* apresenta-se outro elemento de importância, cuja significação está na “dor” que tal processo engloba. Um moscardo, detalhando um pouco da análise, é uma espécie de mosquito que, por sua picada, gera acentuada dor no indivíduo (Dalbosco, 2017, p. 53). Assim, tomando por base a analogia socrática, Sócrates, ao dar início ao exercício filosófico, causa dor no interpelado, o deixa inquieto e desconfortado. Tais fatores, em vista disso, contribuem para o despertar para a sensibilidade quanto a importância de rever as posições já consolidadas, elemento que o estimula a adentrar no exercício reflexivo, compreendendo, dessa forma, o valor filosófico que este contém.

O sentido metafórico do Sócrates como o moscardo, do mesmo modo, auxilia não só a compreender a importância de que o mestre impulse essa “dor”, como também ajuda a entender da melhor forma a própria missão socrática, tal qual ele mesmo expõe na resposta de uma das acusações que lhe são designadas,

foi para isso, segundo penso, que o deus me ligou a esta cidade, para vos espantar e persuadir, razão de eu não cessar o dia inteiro de vos admoestar um por um, onde quer que vos encontre, e de insistir com todos. Não vos será fácil, senhores, encontrar alguém como eu. Por isso, se me aceitardes o conselho, haveis de poupar-me. É possível que vos impacientes, como se dá com os dorminhocos, quando despertados com sacudidelas, convencidos como estais de que podereis continuar a dormir o resto da vida se obedecerdes a Ânito e me matardes, a menos que o deus se compadeça de vós outros e mande alguém em meu lugar (Platão, 2015, p.127).

É notável que Sócrates não renunciará a seu lugar de mestre nem mesmo com o risco de morte. O seu discurso, para livrar-se da morte, poderia conter a promessa de não mais “importunar” aqueles que se sentem importunados. Mas, ao contrário disso, assume o risco e não abandona a sua *táxis*, isto é, o seu posto. Por trás disto, é perceptível sua corresponsabilidade formativa com o outro e com os espaços públicos constituídos pelos indivíduos. Relacionado aos elementos propiciados quanto à análise do moscardo, passamos a introduzir a última das metáforas, a do Sócrates como a *arraia-elétrica* que auxilia ainda mais na compreensão em relação ao âmbito formativo.

Como menciona Dalbosco (2017, p. 53), a arraia-elétrica, peixe típico da costa marítima grega, paralisa sua vítima e a captura através do ato de fixar o seu olhar. A respeito dessa metáfora, destaca-se a forma pela qual Sócrates faz o outro adentrar num estado de perplexidade consigo mesmo. Assim como a arraia captura e paralisa a sua presa, Sócrates, da mesma forma, paralisa e provoca a perplexidade no outro. Suscita-se, através dessa análise metafórica, um elemento que necessita destaque: a questão de que o ato de perplexizar-se, no diálogo socrático, marca um convite ao espanto, *thaumadzein*,

a expressão filosófica grega empregada é *Thaumadzein*, ou seja, o espanto. Deixar-se espantar e deixar-se admirar pelas coisas, podendo, com isso, vê-las com outros olhos. Espantar-se significa, metaforicamente, romper com o olhar comum sobre o cotidiano e projetar-se para fora dele para poder vê-lo de outra perspectiva. Nesse sentido, Sócrates era a arraia-elétrica que pela palavra vivida deixava perplexos seus interlocutores, e pôde fazer isso porque ele próprio se

espantou ao ouvir a voz de seu demônio interior (Dalbosco, 2017, p. 54, grifo do autor).

Convém ressaltar, no entanto, que tal incitação ao espanto (*thaumadzein*) – este que, por sua vez, origina a perplexidade naquele que é interpelado – só se faz possível porque, antes de paralisar o outro, ele mesmo já havia se paralisado. Como dissemos anteriormente, Sócrates, enquanto mestre, é um sujeito experimentado, isto é, antes de causar a perplexidade, ele mesmo já estava perplexo, pois já tinha ciência de seu não saber e de sua própria ignorância,

“[...] se a tremelga também fica inteiriçada quando entorpece os outros, pareço-me com ela; caso contrário, não. Não é por me encontrar seguro de mim mesmo que provoço confusão no espírito dos outros; pelo contrário: é por ver-me na maior perplexidade que também deixo os outros confusos (Platão, 2020, p.71).

A partir do desenvolvimento de cada uma das metáforas, com base no exposto, passa a ser denotado a significância para o processo de formação e condução da mestria que cada uma, a seu modo, apresenta. Ambas, além disso, possuem um objetivo que está em consonância entre elas, cuja consistência está justamente em promover naquele que está sendo interpelado a execução do exercício de voltar a si mesmo, elemento crucial àquele que visa ocupar-se de si mesmo. A partir da condução da mestria socrática, alicerçado nisso, têm-se a imagem do mestre que detalhadamente conserva e contempla tal objetivo. O filósofo confere tamanho grau de perplexidade em seu interlocutor que apenas por meio dele é que se torna possível refletir se de fato estava ocupando-se de si, e, se sim, se estava fazendo da forma correta. Uma vez que ocupar-se de si, verdadeiramente, é o contato e a execução do desenvolvimento de trabalhar a própria alma, negligenciando tudo aquilo que impede esta atenção, pois não se alicerça no alcance de coisas superficiais, é de grau muito mais elevado, como temos visto. Com base em tais aspectos, tendo sido feita essa explanação em torno das metáforas, observa-se um dos aspectos mais importantes da mestria socrática que repousa no convite ao ocupar-se. Uma incitação que não é exclusiva de alguns, mas é para todos os que aceitam verdadeiramente fazer esse processo, uma vez que a tarefa socrática o faz questionar e interpelar a qualquer um, quando se julgar necessário,

como se dá, caro amigo, que, na qualidade de cidadão de Atenas, a maior e mais famosa cidade, por seu poder e sabedoria, não te

envergonhes de só te preocupares com dinheiro e de como ganhar o mais possível, e quanto à honra e à fama, à prudência e à verdade, e à maneira de aperfeiçoar a alma, disso não cuidas nem cogitas? E se algum de vós protestar e me disser que cuida, não o largarei de pronto nem me afastarei dele, mas o interrogarei, examinarei e arguirei a fundo. No caso, porém, de convencer-me de que é de carecente virtude, embora diga o contrário, repreendê-lo-ei por dar pouca importância ao que é de mais valor e ter em alta estima o que de nada vale. [...] Outra coisa não faço senão perambular pela cidade para vos persuadir a todos, moços e velhos, a não vos preocupardes com o corpo nem com riquezas, mas a pordes o maior empenho no aperfeiçoamento da alma, insistindo em que a virtude não é dada pelo dinheiro, mas o inverso (Platão, 2015, p.125).

Vislumbra-se, à vista disso, que Sócrates destina tamanha profundidade acerca dessa arte de trabalhar a própria alma, que tal fato justifica a tamanha perplexidade que é acarretada no indivíduo quando se dá por conta da necessidade de abandonar tal lugar que ele próprio havia alçado. Nesse sentido, ele fica inquieto, é impulsionado a desencadear um movimento que propicia as condições para conhecer a si mesmo. Do mesmo modo, larga-se das lentes da ignorância autoimposta, se emergindo, dessa forma, a olhar e verificar a necessidade de vir a ocupar-se consigo mesmo. A partir do momento em que o sujeito adquire essa percepção, então ele poderá ir trabalhando em torno do aperfeiçoamento de si, pois à medida que ele reconhece que está estagnado e que por conta própria dificilmente sairá desse lugar, ele dá o passo mais importante do processo chamado “ocupar-se”, passando a confiar nas orientações do mestre.

Compreende-se, a partir disso, a razão pela qual se expõe a necessidade de bem ocupar-se consigo mesmo, antes de vir a ocupar-se com o outro, dada a complexidade que envolve tal processo. Apenas pelo repertório recheado pelas experiências refletidas, questionadas e suscitadoras de saberes, é que se pode desenvolver um exercício que possa vir a auxiliar o outro. Assim como o sentido propiciado em relação à parteira e ao escultor, o mestre que se destina a bem ocupar-se com o outro, além do repertório, precisa ter na bagagem elementos que suscitem a atenção de quem é interpelado, para assim aquele que se encontrar na condição de mestre poder dedicar-se exclusivamente às potencialidades de sua escultura. Além do auxílio no “despertar”, tomando o exemplo do moscardo e no trato de sua individualidade que lhe é correspondente, por conseguinte, deve alertá-lo que a execução da formação de si pode ser dolorosa e até mesmo descabida de prazeres. Sendo assim, é importante frisar, da mesma forma, que o mestre, a partir de suas experiências, deve auxiliar no direcionamento e não ser o elemento protagonista da condução, isto é, deve

[...] contribuir com o indivíduo para que este dirija o olhar para si mesmo enquanto o único objeto a que se deve querer incessantemente. Mas, vejamos, o mestre não é aquele que deve enxergar em lugar do discípulo, mas sim aquele que promove a condição para que o próprio discípulo olhe para si mesmo (Rossetto; Santos, 2022, p.10).

Com base no exposto, a partir dessa relação acerca dos cuidados que devem ser atendidos no trabalho formativo, é necessário realçar que o mestre, através de sua experiência, deve levar em conta e considerar as particularidades do discípulo, pois só assim pode destinar-se ao bem orientar. Através da análise da figura socrática, dito isso, é possível não só ver quem pode exercer tal compromisso, como também se verifica alguém que conduz por excelência a função de mestre, doando-se inteiramente na execução dessa atribuição. Para tal propósito, nem o perigo da morte o faz abandoná-lo, pois, como o próprio Sócrates observa, “todo homem que escolheu um posto, por considerá-lo o mais honroso, ou que nele tenha sido colocado por seus superiores, aí terá de permanecer, segundo penso, na hora do perigo, sem pensar mais na morte ou no que quer que seja do que na desonra” (Platão, 2015, p. 121). Essa missão, ademais, é enfatizada ainda mais quando ele relata seu último pedido e que traduz da melhor forma como ele viu o desenvolvimento de sua mestria, modelada a partir do valor filosófico como uma forma de vida,

e, contudo, só lhes peço uma coisa: quando meus filhos crescerem, senhores, castigai-os e importunai-os como eu vos importunei, sempre que os virdes mais preocupados com riquezas ou com seja o que for do que com a virtude; e no caso de imaginarem ser alguma coisa, não sendo, de fato, coisa alguma, repreendei-vos como vos repreendi, por não cuidarem do que devem e pensarem que têm algum valor, quando, realmente, nada valem. Se assim fizerdes, ter-me-eis tratado com justiça, a mim e a meus filhos (Platão, 2015, p. 153).

É possível constatar, dessa forma, que a partir da análise figurativa em torno de Sócrates e da visão detalhada acerca do comando de sua mestria, o primeiro passo para aquele que visa alcançar o posto de mestre repousa em, antes de tudo, ter bem formado a si mesmo. Apenas, pois, através do bom cuidado em relação ao ocupar-se de si, faz-se possível adentrar na esfera que visa o auxílio para com o outro, já que, para poder instruir, o mestre deverá portar consigo determinada experiência para compartilhar e se atentar quanto as particularidades de seu discípulo. Assim, dando continuidade, como próximo movimento a ser traçado, faz-se de necessidade refletir sobre a importância do



papel socrático, tendo em vista tanto o filosofar exercido na cotidianidade quanto o desenvolvimento de sua atividade pedagógica, para a formação humana.

DA REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO: O EXEMPLO DO MESTRE

Como já fora pontuado, o último elemento do escrito nutre-se do objetivo de estabelecer uma análise reflexiva acerca da influência e da contribuição exercida por Sócrates para o âmbito da formação. Para atingir tal estruturação, retomamos a importância da atividade filosófica como uma forma de vida e do contato com o trabalho formativo refletido a partir das dimensões do ocupar-se, o qual fora exposto a partir da pedagogia das metáforas socráticas.

O pensar sobre a formação, quando visto no linear histórico, percebemos que este foi tema de interesse desde a Grécia Antiga até a contemporaneidade. Convém denotar, no entanto, que tal forma de pensamento apresenta algumas variações em termos conceituais conforme os períodos históricos. Com relação a isso, mesmo que o objetivo não corresponda estritamente em aprofundar cada uma das visões, apresenta-se uma breve explanação acerca de algumas das formas de compreender esse movimento.

Retornando ao período grego clássico, o conceito de *Paideia* apresentava o cuidado em torno de uma educação integral que desenvolvesse um olhar ao ser humano em sua totalidade, sobretudo, a partir do próprio indivíduo ao indagar-se por quem ele era. Quanto à época romana clássica, a formação era conhecida por *Humanitas*, esta que viria a estar em contato com o desenvolvimento das capacidades do indivíduo. Já na modernidade tal variação passa a ser conhecida através do conceito alemão de *Bildung*.

Destaca-se, contudo, que destinar o olhar para a influência socrática não significa apegar-se a determinada doutrina filosófica, uma vez que o embasamento formativo pode ser captado a partir de seu próprio exemplo, e, por isso, não é um problema que diz respeito a uma questão de embasamento conceitual. Sócrates ao tomar como objeto de atenção a incumbência do Oráculo, foge de esquemas teóricos e apresenta no âmbito prático como se conduz a arte de autoformar-se. Nisso, pontua-se o quão é importante a compreensão destinada à sua relação com a filosofia e o estabelecimento de uma forma de vida, já que, em parâmetro similar, filosofia e formação caminham lado a lado, uma

vez que nem uma e nem outra possuem uma data para acontecer e nem um momento para findar.

A postura socrática, além disso, dá ênfase a um movimento que pode ser facilmente esquecido naquele que pretende formar-se, o qual atende a presença e importância do outro nesse processo. Assim como não é concebível pensar a formação sem um cultivo filosófico, também é de dificuldade pensá-la sem a presença de um mestre. Sócrates, diante disso, representa a imagem daquele que por excelência percebeu isso, conferindo, dessa forma, suma importância para a atividade dialógica, atribuindo a esse processo o esforço formativo para que seu discípulo entre em confronto consigo mesmo.

Esse embate que é suscitado através do diálogo carrega em sua formulação uma intensa atividade formativa, já que, como fora exposto nas metáforas, a conversação além de moldar e fazer vir à tona, ela inquieta, incomoda e até mesmo espanta. Isso, como é notado a partir de Sócrates, só é de possibilidade, pois o bom mestre é aquele que sabe bem perguntar, já que é através da pergunta que um dos caminhos para formação dialógica se instaura. Menciona-se, com isso, o porquê das interrogações carregarem maior importância que as respostas, uma vez que a conversação sempre deve estar em aberto e nunca adquirir um caráter fechado por meio de respostas consolidadas,

[...] o exemplo socrático do filosofar em praça pública mostra-nos que a fecundidade do diálogo não reside no seu caráter conclusivo, ou seja, não reside no fato de que necessariamente tenhamos de chegar a algum lugar; que deveremos encontrar uma solução definitiva para todos os nossos problemas, enfim, que possamos ter a última palavra [...] o diálogo socrático nos põe a pensar e mostra-nos que todo pensamento contém um risco, sobretudo porque nos revela as incertezas da vida, ao mesmo tempo em que nos despe de nossa segurança dogmática e nos joga diante de nossa mais completa indeterminação (Dalbosco, 2017, p. 56).

Aquele que bem forma, do mesmo modo, além de trazer consigo o domínio do perguntar, deve também saber cultivar um intenso diálogo consigo mesmo, bem como conduzir o discípulo acerca dessa prática. Isto é, deve aprender a cultivar o que a filósofa Hannah Arendt denomina como “Dois-em-um”. Tal denominação, em suma, trata-se da execução de um duplo diálogo, o qual caracteriza, sobretudo, o diálogo que o indivíduo estabelece consigo mesmo, “eu tenho de me suportar, e em nenhum lugar este eu-



comigo-mesmo se revela mais claramente do que no pensamento puro, que é sempre um diálogo entre esse dois-em-um” (Arendt, 2022, p. 63).

Tal fato demonstra que, mais do que nutrir um bom diálogo com seu interlocutor, deve também atentar para o ato de refletir e dialogar consigo mesmo. Destaca-se, aqui, a importância do sentido formativo originado pelo cultivo desse diálogo e o motivo pelo qual ele deve, desde cedo, ser orientado ao formando. Aquele que se espanta e se incomoda consigo mesmo, dota, com isso, um grande e talvez um dos melhores instrumentos para lidar de uma melhor forma com suas inquietações bem como possui um elemento de auxílio para lidar com a “dor” instaurada pelo trabalho formativo.

O indivíduo, nesse sentido, passa a refletir sobre a própria vida, mas, principalmente, passa a adentrar na esfera do conhecer-se, uma vez que não há possibilidade do exercício sobre si, se este não tem por objetivo, ao menos se autoconhecer. Ele, com isso, é convidado a mudar a forma de viver, ou, melhor dizendo, como define Foucault, a tornar-se o que nunca foi (Doro; Rossetto, 2023). Fato que expõe outro elemento de importância, pois de nada adianta ficar espantado e inquieto se isso não promover uma mudança de vida. Esse elemento frisa uma vez mais o motivo pelo qual a formação não pode separar-se da filosofia, já que é por ela que se abre o convite à reflexão, elemento crucial ao se vislumbrar uma “conversão” diante do modo de vida,

desde Platão – especialmente no diálogo *Alcibiades* -, mas impreterivelmente no período de renascimento da cultura clássica do helenismo com os cínicos, os epicuristas e, de modo mais definitivo, com a última geração dos estoicos, a filosofia assume uma arte de viver. A isso se liga, precisamente, a reivindicação de nos corrigirmos, de nos reconfigurarmos, de nos autodirigirmos a ponto de podermos ser o que nunca fomos (Doro; Rossetto, 2023, grifo do autor).

Cabe destacar, todavia, que se requer todo um cuidado com esse processo em torno do estabelecimento de um diálogo pensante consigo mesmo, para que este não venha a se constituir em um fechamento em si. Sócrates, ao promover tal prática, não só visa um meio para que seu interlocutor passe a viver de uma melhor forma, mas que, da mesma forma, tal atitude formativa passe a refletir para o bem da própria comunidade, “ao incitar a todos e a cada um a pensar sobre si mesmo, Sócrates convida, provoca, aguça que cada indivíduo, em razão deste diálogo interno que faz o si mesmo

pensar sobre si, conviva melhor consigo mesmo e, por decorrência imediata, com os demais” (Rossetto, 2020, p. 43).

Evidencia-se, através disso, que a formação não abrange apenas um modelo singular, mas, sobretudo, uma esfera comunitária, que abarca um dos sentidos mais belos da atitude formativa. O ato de formar a si mesmo e de formar o outro, desse modo, não carrega consigo uma exemplificação individualista e egoísta de quem a pratica, mas, pelo contrário, é entendida como fator crucial para o bom andamento da vida em comunidade. Sócrates já buscava demonstrar isso a partir de sua presença na pólis, no entanto, lamentavelmente, nem todos tinham essa percepção, a qual, com isso, acabara tendo que arcar com a própria vida.

As lições apresentadas no espaço público, ademais, quiçá, ainda hoje poderiam ser condenadas. É de extrema dificuldade pensar-se em formação, sem cultivar uma intensa reflexão, desestimulada de modo recorrente na contemporaneidade. Os problemas que Sócrates vivia e buscava combater em sua época apresentam-se de modo associado, sobretudo, a muitas das questões que a sociedade enfrenta hoje, como as referente ao bem social e o bom governo político. Não à toa que os textos clássicos recorrentemente são consultados no anseio de se buscar repostas diante da discussão dessas mesmas questões.

Tais elementos, dito isso, apenas pontuam o quanto o aspecto formativo carece não só de práticas, mas, essencialmente, de discussões, ainda mais ao se viver num tempo no qual tirar um tempo para refletir é banalizado e pontuado como sinônimo de perda de tempo. Sem o cultivo de tal valor reflexivo, contudo, “o tornamo-nos o que nunca fomos” apresentado através da visão foucaultiana, jamais será possível, pois, sequer o “espanto” o ser humano irá conhecer e, sem tal impulso para o voltar-se a si mesmo, uma mudança na forma de viver não poderá ser alçada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do movimento traçado, o primeiro aspecto que deve ser salientado repousa na importância que o valor filosófico acarreta a formação, como fora possível notar a partir do modo de vida socrático. Esse fator se sustenta, em nossa trajetória reflexiva, pois é justamente pelo contato com a filosofia que se adentra no processo formativo. Isso se deve, inicialmente, pelo questionar, pois é ele que incomoda e que

desestabiliza, fazendo com que se possa ter a consciência da própria ignorância. Em virtude desse primeiro elemento, se torna possível adentrar num segundo fator que consiste no convite ao diálogo, elemento que é um caminho possível, uma vez que ter a ciência do próprio não-saber exige que um outro, o mestre, incite esse questionamento sobre si mesmo.

A partir dessa filosofia, que nasce de um certo modo de viver, evidencia-se a importância que o humano deve atribuir em torno das dimensões do ocupar-se, especialmente, no bem ocupar-se de si mesmo, pressuposto para a ocupação com o outro. Como fora possível ver a partir do exemplo das metáforas socráticas, Sócrates bem ocupou-se com os outros, porque, antes de tudo, bem ocupou-se consigo mesmo. Pela ciência de sua missão e pela consciência de sua própria ignorância, o filósofo pôde estabelecer uma arte de formar que auxiliava o discípulo a desenvolver um olhar reflexivo sobre sua própria formação. Tal processo, no entanto, como fora notado, não é de facilidade, é árduo e de extrema dificuldade, uma vez que o trabalho em torno da formação implica no confronto em relação a si mesmo, muitas vezes resultando em um movimento desconstrutivo, para assim tornar-se possível uma reconstrução.

Tendo em vista esse cuidado em relação à boa formação de si, apenas pelo bom desenvolvimento desse primeiro aspecto é que se torna possível contemplar um segundo, que é a tarefa de ocupar-se, a partir de suas experiências, com o outro. Ressalta-se, no entanto, que o desenvolvimento da ocupação de si corresponde a toda existência do indivíduo, e, por isso, deve ser trabalhado recorrentemente, mesmo ao desenvolver ao papel como mestre, pois também nele pode se visualizar um ambiente para formar-se a si mesmo.

Posto isso, verifica-se que o desenvolvimento que circunda essa ocupação, conseqüentemente, concilia-se com a visão de Sócrates ao fazer da filosofia uma forma de vida. Tais elementos são de suma relevância, pois, a partir do cuidado em torno deles, verifica-se a profundidade da ligação que Sócrates estabelece com a esfera formativa. Ao formar-se a si mesmo e ao ocupar-se com o outro, a arte de formar socrática implica também na boa formação do espaço público.

Nesse sentido, procuramos atualizar o olhar para a contemporaneidade e ao compará-lo com o contexto no qual Sócrates exercia sua missão, notam-se problemas que em sua profundidade apresentam condições de semelhança. Constata-se, em ambos os contextos, a necessidade que o humano deve destinar para a sua formação, o que evidencia, da mesma forma, a exigência que atribui em torno da formação de mestres,



para que, assim, também eles possam “incomodar” e participar na formação de mais indivíduos. Apesar de nem todos aceitarem esse movimento, como se vê pelos próprios gregos que acusaram e condenaram Sócrates, haverá, por outro lado, muitos que se deixarão sob os cuidados da “parteira”, adentrando assim na esfera formativa, esta que não só conduzirá a uma melhor forma de viver, como, sobretudo, será uma importante companheira para toda a vida.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **A Dignidade da política**: ensaios e conferências. 3. ed. Organizador Antônio Abranches; tradução Helena Martins e outros. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- ARENDDT, Hannah. **A promessa da política**. 8. ed. Organização e Introdução de Jerome Kohn; Tradução de Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2022.
- DALBOSCO, Claudio Almir. O mestre na praça: sentido pedagógico das metáforas socráticas. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 16, n. 1, p. 50-57, 17 out. 2017. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/7450>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- DORO, Marcelo José; ROSSETTO, Miguel da Silva. **“Tornarmo-nos o que nunca fomos”**: a versão pós humanista de Foucault para o mote tradicional da formação humana. 2023 (No prelo).
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do Sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). 3. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga**. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. 3. Ed. Ver. E bilíngue. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: ed. UFPA, 2015.
- PLATÃO. **Mênon – Eutidemo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2020.
- PLATÃO. **Teeteto**. 3ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- ROSSETTO, Miguel da Silva. A formação do si mesmo e a maestria socrática: um excuro com Hannah Arendt. In: NETZEL, Odair. (Org.). **Autogoverno e formação humana em tempos sombrios**: aspectos éticos e políticos. Chapecó, Ed. UFFS, 2020. p. 37- 57.
- ROSSETTO, Miguel da Silva; SANTOS, Francisco Santos. Psicanálise, Inquietude de si e Formação Humana: uma reflexão sobre o tempo e a transitoriedade. **Pro-Posições**, Campinas-SP, v. 33, p. 1-22, 2022. e-ISSN 1980-6248. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0104>. Acesso em: 14 ago. 2023.

Submetido em: 06/08/2024

Aceito em: 25/12/2024